

S. Paulo, 7,11,1904

Rangel:

Triste coisa o desanimo... Devido a um atroz acesso de desanimo, desses que nos transformam em budistas, deixei de escrever-te, de rir, de ler_ de viver, em suma. Mas passou e já tenho animo de pegar nesta realmente enferrujada pena para contar assombros do Nogueira. Esse homem formidavel, filho do conubio danado de Duns Scott e do Caraça, do qual o ano passado guardaste tão profundo ressentimento a ponto de em tua ultima obra o mimoseares com tres ironias, o Nogueira demoliu-se todinho e reconstruiu-se de novo. Está o assombro de S. Paulo. Usa hoje, externamente, colete branco, terno cinza, colarinhos Santos-Dumont, botinas de pelica, pince-nez, ares doutorais; e internamente usa habilidades sinuosas, pruridos de gentleman, Marcel Prévost e as ideias politicas de Tito. Grudou-se á politica municipal do Belenzinho, da qual é figura obrigatoria com o seu fraque (tem fraque, sim), com o seu pince-nez de ouro (ouro de verdade, sim); e nas jantas partidarias de varios coroneis desforra-se dos jejuns do Minarete. Afez-se ao carolismo do mulherio _ e elas o adoram pela sutileza com que destrincha um caso de consciencia ou explica uma nuance do dogma. Reza em publico com grande contrição, confessa-se com um padre que é tambem influencia politica, tira o chapéu até para as bananas de São Tomé e vive num regalo, com dinheiro no bolso e amizades femininas. Está quasi civilizado. E quasi porque aquele celebre gesto das mãos penduradas á altura dos sovacos ainda persiste. Basta um minuto de distração e pelo menos o braço direito vai se encolhendo em forma de V e a mão pendura. Já beijou uma mulher casada e anda pensando em comprar monoculo.

Saltando de Norte a Sul, direi que o Breves morreu_ o Breves jornalista, porque o outro, da “burocracia biologica”, esse vige e viça, sempre “apurado” e na concha. O Tito Franco deu de fazer n’*O Combatente* piadas contra o Chefe de Policia, e o Chefe_ diz o Ricardo_ chamou o Breves para explicações e Breves as deu com desesperante prolixidade. Dizem que começou assim: “Senhor Doutor e conceituado Chefe do Policiamento Local, a mamãe...” e enveredou por aí, com a eterna mamãe puxando fila. E o caso é que *O Combatente* morreu. Perdeste o unico editor, meu caro Rangel. Onde outro que tome a serio o teu, o nosso preconizadissimo talento? O Breves publicou o teu *De S. Paulo ao Guarujá* apenas por sugestão do Ricardo. O poeta abriu-se diante dele em exclamações sobre a tua genialidade. Ele sorria aquele celebre sorriso postal que era uma obra prima de incredulidade, e de medo do Ricardo te publicava. Agora, de medo do Chefe de Policia nem sequer edita mais o jornaleco. O Breves é todo medos_ da mamãe, da esposa, do Ricardo, do Tito Franco, da policia, do administrador dos Correios. O futuro biografo do Breves

tem que pôr entre as suas obras primas (os artigos “Gremios da Defesa Nacional” e os “Conselhos Uteis”) o prodigioso sorriso, tão discreto, com que ele duvidava da tua genialidade, Rangel. Breves, o Infame!...

LOBATO

P.S._ Apontas-me, como crime, a minha mistura do “você” com “tu” na mesma carta e às vezes no mesmo periodo. Bem sei que a Gramatica sofre com isso, a coitadinha; mas me é muito mais comodo, mais lepido, mais saído_ e, portanto, sebo para a coitadinha. Às vezes o “tu” entra na frase que é uma beleza; outras é no “você” que está a beleza_ e como sacrificar essas duas belezas só porque um Coruja, um Bento José de Oliveira, um Freire da Silva, um Epifanio e outros perobas “não querem”? Não fiscalizo gramaticalmente minhas frases em cartas. Lingua de carta é lingua em mangas de camisa e pé-no-chão_ como a falada. E, portanto, continuarei a misturar o tu com você como sempre fiz_ e como não faz o Macuco. Juro que ele respeita essa regra da gramatica como os judeus respeitavam as vestes sagradas do Sumo Sacerdote. Logo, o dever nosso é fazer o contrario.

L.